

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
JOÃO MANUEL MELO DA COSTA

Registada em 29/09/2009 por
CLÁUDIA SIMÕES E JOANA RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítios e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 05 Mini Biografia
- 05 Ascendência: Tudo começou com o avô
"O meu pai trabalhou muitos anos no Infante"
- 06 Educação: *"Viemos todos para o Porto"*
- 06 Percurso profissional: *"Passei uns maus bocados"*
- 08 Casamento: *"Renasci"*
- 08 Quotidiano: Um dia de trabalho
- 10 Sonhos: *"Se eu largar uma ponta ninguém vai aguentar isto"*
- 10 Rua: A rua em tempos passados
"Tinha tantas lojas!"
"A desertificação do centro histórico"
Um futuro desejado
- 14 Animação: *"O investimento foi demasiado grande para o lucro que fez"*
- 16 Loja: *"Casa Coração de Jesus de Joaquim da Silva Melo e Companhia"*
"A loja era muito soturna"
A diferença está no atendimento
As melhores alturas para a loja
- 21 Clientes: Clientes muito diferentes
"Ela queria-me beijar as mãos"
"Vi o reconhecimento público"
- 23 Avaliação: *"A curiosidade pode levar as pessoas a entrar no site"*

JOÃO MANUEL MELO DA COSTA



João Costa (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

João Manuel Melo da Costa nasceu em Vila Nova de Gaia, Mafamude, em 1953, no dia 8 de Dezembro.

Aos 5 anos deixa Lamego e vem com os pais para o Porto. É ali que estuda até ir para a tropa em 1974.

O seu primeiro emprego foi como programador informático, mas acaba por vir para a Casa Coração de Jesus, para ajudar o avô. Gostou tanto que acabou por inserir-se na "área de restauro" Tem na qualidade dos produtos e do atendimento a sua maior mais-valia "sou capaz de perder uma hora com o cliente para saber qual era o santo que ele queria".

Ascendência

Tudo começou com o avô

O meu avô era de Melcões, Lamego. Ele chamava-se João da Silva Melo e sempre trabalhou aqui na loja. Desde os 11 anos que veio para cá. Em 1912, veio trabalhar para a loja como marçano porque a casa era de um tio dele. Marçano é aquele trabalhador que veio para fazer os recados, para fazer os embrulhos, para fazer só essas coisas. Não era como se costuma dizer um empregado efectivo.

Eles moravam em casa do tio, comiam em casa do tio, dormiam em casa do tio, portanto, viviam em casa do tio e trabalhavam aqui na loja.

Veio um outro irmão e depois outro. A esses três irmãos, o fundador da casa, o tal tio, após ter achado que eles conheciam o trabalho que tinham desempenhado, deu-lhes sociedade. Portanto, eles passaram a ser sócios também, os três irmãos.

Ele era muito cómico, gostava muito de brincar com as pessoas e de contar anedotas. Quando vinha cá algum padre já de uma certa idade ele gostava de pregar assim umas partidinhas e, às vezes, deixava ficar mal os padres. Ele tinha sempre umas histórias um bocados picantes. Eles gostavam muito de ouvir, mas ficavam sempre vermelhos. Houve um que lhe disse:

- "Oh, senhor Melo, parece impossível, numa casa de santos você contar estas coisas."

- "Mas, ó filho, aqui não há santos. Santos podemos ser nós, agora o que está para aqui é tudo barro e madeira e outras coisas assim."

Efectivamente aqui não é uma igreja. Há muita gente que confunde muito este tipo de casa e benzem-se. Passam aí na porta e benzem-se. Rezam para os santinhos que eu tenho na montra. Mas riam-se na mesma e gostavam muito dele. Era uma pessoa extraordinária. Tinha uma vivência dentro da loja e conhecia tudo, sabia de tudo.

Ele veio para cá com 11 anos, uns anos depois, em 1918 portanto, ainda esteve uns anitos, passou a caixeiro. Recebia uma gravata para passar a caixeiro. A partir daí é que ele podia usar gravata.

"O meu pai trabalhou muitos anos no Infante"

Os meus pais também têm ligação a Lamego. A minha mãe por via do meu avô, o meu pai porque era de lá também. Eram de freguesias próximas uma da outra. O meu pai trabalhou muitos anos no Infante, quase toda a vida dele na Sociedade Geral de Superintendência. Era uma empresa francesa, era Société Général de Surveillance, que era assessorada aqui em Portugal por uma empresa que era ali no Infante. Mas trabalhou l  muitos anos, desde que veio para o Porto. O meu pai chamava-se Manuel Carlos Rodrigo da Costa e a minha mãe chama-se, felizmente - o meu pai é que já não se chama, já chamou - Maria da Conceição Paulo e Melo da Costa, portanto filha do meu avô.   doméstica. Trabalhou muito aqui para a loja em paramentaria. Tenho irmãs. Somos três. Elas são professoras. Uma   professora universitária, outra   professora de Educação Física, portanto, não tinham nem vocação nem iam arriscar a vida delas para vir para aqui. Foi um risco tremendo. Isto é um negócio muito difícil.

Educação

"Viemos todos para o Porto"

A minha infância... Os primeiros cinco anos foi em Lamego. É a origem do meu pai. O meu pai depois decidiu que os estudos l  eram um bocado mais fracos e viemos todos para o Porto, para casa do meu avô. Daí, depois eles arranjaram outra casa e passámos a morar sozinhos numa casa isolada. A minha infância foi passada em Mafamude.

Percurso profissional

"Passei uns maus bocados"

Estudei na escola de Gaia. Fiz o 11.  ano, o Curso Comercial, depois o Curso Complementar com Carreira de Administração e fui para a tropa em 1974. Fiz a tropa, três anos. Depois regressiei. Andei uns anos perdido porque não havia empregos, até que em 1980 arranjei um emprego numa área que eu tinha também feito os cursos suplementares de Informática. Trabalhei em Gaia durante dez anos nessa empresa. A partir daí comecei-me a cansar. Aquilo já era insuportável, era muito cansativo. Entrei na programação e a partir daí entrei em paran cias.

Desisti daquilo e apareceu-me o meu avô. Eu aceitei e vim em 1990. Vim ver como era.

A partir dos anos 70 eu comecei a vir muito ao Porto. Já tinha 16/17 anos. Vinha ao cinema, vinha ao meu avô. Muitas vezes vinha ao meu avô, porque ele além de ser meu avô era meu padrinho. Portanto, esta ligação da passagem foi um bocado também da ligação que nós tínhamos muito forte e me levou, para gosto dele e um bocado de desgosto meu na altura, porque foi muito difícil vir para aqui, muito difícil. Passei uns maus bocados, porque não estava inserido no negócio, estava um bocado fora e depois pegar em qualquer coisa que está moribunda é sempre um bocado difícil. Dar-lhe os sedativos e o oxigénio suficiente foi muito difícil, porque eu não tinha também muito capital, como é lógico. Era um trabalhador por conta de outrém, ganhava o meu e gastava o meu.

Tinha uma vida relativamente razoável, mas pronto, é como eu digo. Não tenho assim boas memórias do princípio.

Depois melhorou imenso e eu interessei-me. Estudei e inseri-me numa área de restauro, não era habitual cá na loja fazer restauros. Com esses restauros que nós fizemos, ampliámos muito o negócio da empresa. Eu tinha bons cooperantes, porque a firma nunca meteu pessoal. Eu arranjava sempre temporariamente pessoas para vir trabalhar comigo. Umas para me ensinar, outras para eu ensinar e esse intercâmbio para mim foi muito gratificante e muito bom. Em todo o país eu tenho obras feitas. Não são grandes obras, mas obras feitas.

O meu avô já tinha 85 anos, é preciso que se note, já não tinha aquela vivência, aquele ânimo. Mas ele era um artista a fazer sergaria. Sergaria é fazer fios e cordões. Nós agora mandamos fazer isto tudo a outros lados e são máquinas que fazem, mas ele fazia manualmente. Ele quis-me deixar esse legado, ensinar. E durante muito tempo bem tentei. Eu dizia:

- Mas, ó avô, para quê que eu hei-de estar com este trabalho todo se eu vou ali ao lado e compro isto por sei lá 50 escudos ou 60 escudos?

Para ele era muito importante aquilo porque o custo de hora de trabalho dele era zero, portanto, aquilo era um acrescento que ele dava para a casa. Eu era um prejuízo, porque tinha que estar parado para poder fazer aquilo. Ou melhor, eu não estava parado, mas para fazer aquilo não podia fazer outras coisas. E quase que aprendi. Como se costuma dizer, cheguei quase ao topo do curso, mas depois faltou-me um pormenor que eu nunca consegui ultrapassar e não consigo. Ainda nunca ninguém me conseguiu ensinar, que foi fazer a borla, quer dizer fechar a borla. Eu fazer a borla fazia, não conseguia era fechá-la. E portanto como não sei, também não perco tempo com isso. Sou honesto, foi uma das coisas que me deixou mal foi eu não ter aprendido a fazer o acabamento.

Ele morreu em 1995. Só estive cinco anos com ele. Aprendi muito com ele e com a minha prima,

porque como eu disse eu não percebia nada de santos nem de santinhos. Conhecia três ou quatro e pouco mais. Claro, tinha tido uma educação católica, mas nunca fui muito vocacionado para me ligar a isso. Portanto, tive que aprender muito, tive que fazer um curso intensivo, para não ficar mal perante os clientes que chegavam cá e:

- "Como é que se chama este santo?"

Sabia lá. Na altura não sabia. Não fazia ideia, portanto, tive que aprender muito. E depois ensinar também, porque depois quando veio para cá a Adelaide, ela teve que vir para cá logo a seguir, porque eu não aguentava sei lá estar aqui oito horas sozinho durante o dia. Tinha que arranjar alguém para poder sair ou para poder fazer outras coisas. Apesar de a minha prima cá estar e de me ajudar muito, mas era uma pessoa também já de uma certa idade e de vez em quando ficava doente e eu ficava sozinho. A partir daí arranjei uma empregada. Também fez a aprendizagem quase comigo.

Casamento

"Renasci"

Eu tenho na minha história de vida um interlúdio. Em 2000, estava bem na vida, tudo bem, a mulher era técnica de contas, trabalhava "para burro" também. Ganhávamos muito bem, tínhamos uma vida muito boa. Apareceu-lhe um cancro num seio e faleceu em 2004. Eu fiquei desorientado. Andei um período aí um bocado mal. Já tinha uma filha desse casamento que neste momento tem 26 anos.

Achei que a minha vida não podia continuar assim. Andava para aí perdido, mas renasci em 2006. Agora tenho um filho, mas só tem 2 anos.

Quotidiano

Um dia de trabalho

A rotina normal será esta, temos o horário das 9h às 12h30, das 14h30 às 19h. De manhã, é ler o jornal como é costume. Depois chega o correio, vê-se o correio, faço o correio. Despacho algumas coisas que haja por resolver e vou trabalhar no restauro. Fazer os acabamentos, fazer as mãozinhas, as cabecinhas, meter os olhinhos, esse tipo de restauro pequeno. À meia hora normalmente já cá estou. Porque eu tenho um ateliêzito em Gaia onde trabalho, onde faço esses restauros. Aqui não tinha condições. Durante algum tempo ainda trabalhei aqui, depois achei que não havia condições. Tinha um amigo que tinha um armazém e fazia algumas pinturas de

pistola e tinha lá um espaço muito grande. Eu disse se ele não se importava que eu fosse para lá e fui e eu trabalho lá. Almoço sempre em casa. Normalmente, quando não almoço em casa vou almoçar aqui na rua.

De tarde, se tenho de visitar algum cliente ou de fazer alguma coisa a algum cliente vou, se não tiver, ando por aí. Normalmente não faço nada. Ou então se tiver mais serviços para acabar no atelier vou para lá. A minha vida normalmente é assim. Às 19h vou embora. Morei muitos anos em Gaia no Monte da Virgem.

Ainda morava lá quando vim para aqui. Em 1999, passei a vir morar para o Porto.

Eu tenho uma filha e nessa altura começou a andar no nível mais alto e era muito chato fazer a passagem de Gaia para o Porto todos os dias de manhã e passei a morar no Porto. Ela ia para a Faculdade de Letras e era mais pertinho, portanto, passei a morar no lado de cá.



João Costa e Maria do Céu (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Sonhos

"Se eu largar uma ponta ninguém vai aguentar isto"

Como se costuma dizer, eu estou a segurar a loja pelas pontinhas. Se eu largar uma ponta, ninguém vai aguentar isto, porque é impossível. Os custos de manutenção da loja estão muito superiores aos ganhos que se tem das vendas que se fazem. Há sempre um diferencial negativo que vai sendo coberto por mim, não digo com dinheiro que não ganhei na loja, mas também me esforcei muito para isso. Mas esse diferencial cada vez está maior e cada vez é mais difícil manter. Quer dizer, eu vou tentando manter. O meu maior desgosto era ter de ser eu a fechar a loja. Eu já peguei nela moribunda, dei-lhe o remédio ela andou aí uns anos muito bem, mas agora está outra vez a definhar. Não quer dizer que eu não tenha material para vender. Não é falta de material para vender. Tenho montes de artigo aí, até se calhar em excesso, mas não dá para aguentar. Todos os meses a ter de pôr dinheiro em vez de retirar. Já vai em tempo demais como se costuma dizer a tirar de bolso para pôr em vez de meter.

A minha filha não pega. Ela está para Lisboa, casou e foi para Lisboa. Mora na Amadora e, portanto, desligou-se disto. Ela também nunca ligou muito a isto.

Agora tenho um filho, mas só tem 2 anos. Não posso perspectivar. Acho que não vai ter tempo para pegar nisto. Deve ser muito difícil, porque eu continuo a dizer que se as coisas não mudarem radicalmente, se isto não der uma volta tremenda eu não perspectivo, pelo menos nestes dois, três anos que vêm a seguir. Ainda vai ser muito difícil a retoma do dinheiro, circular e mexer e as pessoas investirem.

Como se costuma dizer, está tudo na retranca tudo tem medo de gastar porque pode precisar amanhã. Eu vejo quebras também por exemplo na Igreja. Hoje também tenho conhecimento disso. As esmolas que costumavam dar que é usual dar-se nas missas têm caído quase 50%. O que se fazia o ano passado, este ano é metade. Tudo isso vai trazer menos dinheiro para as igrejas para poderem investir naquilo que necessitam, nas opas, nos paramentos e todos os artigos que eu forneço. Como eles não têm dinheiro para comprar, eu também não posso fornecer. Portanto, temos aí um problema terrível.

Rua

A rua em tempos passados

Mouzinho da Silveira sei quem era, agora por que é que lhe puseram o nome não faço ideia. Nunca me fizeram essa pergunta. Podia já ter sabido, mas não sei muito honestamente.

A rua nasceu como Mouzinho da Silveira. Não houve alteração no nome da rua. Quando a abriram

foi como Rua Mouzinho da Silveira, em memória do grande explorador português. Sei algumas coisas de história sobre ele, mas não sei porque que escolheram, não faço ideia. Sei que foi em 1836 salvo erro, que foi aberta a rua. Não tenho a certeza absoluta, mas anda por aí.

A rua, como a Rua das Flores, foi uma das ruas esplendorosas em termos do princípio do século XIX. Eu tenho descrições feitas pelo meu avô e pelo meu tio e por mais pessoas da idade deles, que a rua era qualquer coisa de extraordinário, porque passavam milhares e milhares de pessoas, apesar de haver muito menos gente do que há agora. Bem, nós tínhamos uma particularidade também. Desde a Rua Corpo da Guarda e foi aí que nasceu essa particularidade, todos os clérigos que vinham ao Porto - de comboio que não havia outro meio - iam lá à loja. Ou ler o jornal, ou conversar, ou deixar as coisas que compravam para ao fim do dia recolherem para irem para o comboio outra vez para casa. Isso criou uma amizade com muitos clérigos daqui da zona do Porto que algumas paróquias ainda conservam. Apesar de já não existir nenhum deles, todos os padres já morreram, havia sempre relatos e registos na paróquia que davam a nossa casa como referência. Ainda hoje aparecem alguns padres novos que vêm cá por essas referências. O meu avô tinha histórias fantásticas era um contador de histórias fantástico. Muitas delas ganhas através dos padres que vinham cá. Gostava muito de contar histórias e anedotas e essas coisas. Aprendia muito com eles, com o clero.

A rua é interessantíssima. Primeiro porque está montada em cima de um rio. Eu já tive a possibilidade de ir ver. Tem um túnel por aqui abaixo, bastante grande em que se pode andar de pé, onde passa o rio, que é o Rio da Vila.

Depois tem o fontanário aqui que é espectacular apesar de ter sido transferido de outro lado. Não foi feito aqui. Foi transferido e adaptado aqui à rua com uma engenharia fantástica, porque ele está metido debaixo de outra rua. Tem uma rua por cima e tem um varandim virado para a Rua Mouzinho por cima dele.

Uma obra engraçada. Depois, é como eu digo, é a rua que liga ao Douro. Agora temos ruas, ruelas e muitas passagens para o Douro, mas foi a primeira rua que se abriu para poderem passar lá para baixo, direita, com amplitude, com prédios fabulosos que tem.

Agora estão a recuperar alguns, mas tem prédios aqui fantásticos belos, as pessoas que vieram para aí viver que deviam ter uma qualidade de vida bastante boa. No princípio do século XIX quase todas as pessoas que tinham estabelecimentos comerciais viviam por cima. Porque era muito mais acessível.

As deslocações antigamente eram muito mais difíceis, portanto, seria muito mais prático ter a casa por cima do estabelecimento. Eles tinham o estabelecimento em baixo, mas viviam por cima. Não era o caso daqui porque, como eu digo, isto foi alugado, não era do próprio, não era

da casa e, por isso, nunca viveram em cima apesar de haver muitas habitações para cima.

"Tinha tantas lojas!"

Nessa altura, a Rua Mouzinho da Silveira era bem melhor que o que está agora. Tinha muito mais lojas, abertas pelo menos. Agora espaços continuam aí, são é muito degradados. Apesar de eu conhecer a Rua Mouzinho da Silveira muito antes disso, em que a rua era uma rua extremamente comercial. Tinha montes de casas por aqui abaixo. Não havia lugar nenhum que não houvesse uma casa aberta. Não havia buracos como agora. Agora é só buracos. Casas abandonadas e degradadas. Em 1990/1991, havia ainda muitas casas que foram fechando até vermos como está agora que tem meia dúzia de casas abertas ao comércio.

Tinha tantas lojas! As lojas de ferragem eram logo na entrada da rua do lado esquerdo. Do outro lado era pronto-a-vestir. Tinha muitas casas de roupas, de pronto-a-vestir e alfaiates. Tinha a casa das balanças que era de ferragens. Quase todas as casas eram de ferragens, excepto uma casa que era de tecidos. Para baixo, havia pouco. Pelo menos só a partir da Rua do Souto para baixo. Havia uma casa de guarda-chuvas, também me recorda muito bem. Depois havia um artesanato e lojas de tecidos e roupas. Era por aí abaixo. Havia um café mais abaixo que era o café Mouzinho. Também acabou há muitos anos. Do outro lado, eu passava menos, mas também me lembra de algumas casas do outro lado. Essencialmente roupas. Mais abaixo um bocado havia outra casa idêntica a esta, que era casa, salvo erro, Menino Jesus de Praga. Era de um grande escultor português. Mercearias também tinha. Aqui na rua tinha duas ou três. Por aí acho que as pessoas não precisavam de se deslocar muito para comprar. Sapatarias também, como ainda existe agora. Felizmente ainda há a sapataria Mouzinho aqui na rua. Acho que eles tinham tudo aqui, não precisavam de deslocações. Tinham o mercado aqui em cima. O mercado aqui junto à Sé. Tinham o mercado do Bolhão que também não é muito longe. Portanto, eles aqui podiam ser fornecidos de tudo, não precisavam de deslocar muito longe.

O eléctrico era mais acima. Era em frente à estação que se apanhava o eléctrico para ir para Gaia, porque já havia a Avenida da Ponte. Havia uma série de lojas por aqui abaixo, principalmente do lado da minha loja. Os filhos dos donos eram pessoas da minha idade e eu convivia com eles também. Vivi aqui alguns bons momentos também com eles na altura da infância. Na altura era totalmente diferente, 17 anos ainda éramos muito infantis. Mas gostava muito de andar aqui à volta destas vielas e destas ruas, porque eram diferentes. Havia um bocado mais de liberdade do que eu tinha de onde eu morava. Portanto, aqui era uma zona que eu gostava muito de vir. Uma coisa que eu não tinha em Gaia que eram estes becos, estas ruelas para fazer as escondidas. Eu estou a falar de um rapaz que hoje com 12 ou 13 anos fazia se calhar o mesmo ou até mais.

Na altura, as coisas eram muito diferentes. Nós éramos muito mais fechados. Para vir ao Porto, eu tinha que passar por uma série de autorizações. Não se ia assim para o Porto.

No princípio era de eléctrico. Lembro-me perfeitamente de vir de eléctrico para o Porto e o preço que custava. Era 6 tostões, porque não vinha de Santo Ovídeo. Quer dizer, havia duas zonas.

Havia a zona de Santo Ovídeo e Câmara.

Eram 12 tostões de Santo Ovídeo e 6 da Câmara. Eu morava entre Santo Ovídeo e a Câmara, portanto, vínhamos sempre a pé até à Câmara para ser mais barato 6 tostões.

Ir ao cinema ao Coliseu principalmente, que era o cinema onde eu ia mais, por 5 escudos. Não era muito dinheiro porque senão também não vinha. Um bilhete normal de plateia já custava 7 e quinhentos. É um bocado complicado porque estamos desfasados no tempo e então com a entrada do euro é que é muito mais complicado. Era já dinheiro, mas não era assim muito. Eu posso dizer que tinha uma mesada de 20 escudos por mês, portanto, já era dinheiro. Eu tive essa felicidade. O meu pai foi sempre muito liberal. O meu pai também teve sempre muito dinheiro até vir para o Porto. Aqui ele perdeu muito. Os meus avós paternos tinham uma padaria e eram pessoas que tinham um certo dinheiro e ele não precisava de dinheiro porque ia à caixa e era tudo nosso como se costuma dizer. Era filho único. Portanto teve sempre uma vida... Com 18 anos já tinha carro. Veio para o Porto e as coisas complicaram-se um bocado, mas de qualquer maneira tivemos sempre uma vida mais ou menos desafogada. Não era muito dinheiro, mas havia um certo desafogo. E depois o meu avô também ajudava a minha mãe. Nós vivíamos pegados um ao outro. Havia ali um intercâmbio muito bom.

"A desertificação do centro histórico"

A degradação dos prédios, essencialmente isso para mim, foi a morte da rua. Começa por aí. Depois claro a desertificação do centro histórico que não há dúvida nenhuma que nós morremos nesse aspecto. Começaram a envelhecer, começaram a morrer e depois a transferência daqui para bairros sociais, também foi outro caso. As habitações começavam a não ter habitabilidade razoável e as pessoas fugiam e passaram a ir para os bairros sociais. Passou a haver pouca gente. A Sé neste momento estabelecimentos quase não tem nenhuns, habitantes cada vez tem menos. É no Porto a que perdeu mais habitantes, pelo menos no último recenseamento tinha para aí um terço dos habitantes de há 30 anos, que não são muitos anos.

Eu tenho pena e sou honesto ao dizer isto, mas é verdade. Aqui os interiores era gente por tudo que era sítio. Às vezes até custava andar nestas ruas que eram a Rua Escura, a Rua da Bainharia. Não têm casas abertas agora. Aquilo era tudo cheio de casas comerciais. O centro, centro mesmo morreu. Nós estamos aqui um bocadinho já fora do centro. Porque apesar de ser centro histórico

ainda, aquele miolo mesmo, nós estamos no rebordo do miolo. Também sentimos isso. Não há dúvida nenhuma que não há muita gente aqui e à noite isto aqui é um deserto terrível. Um deserto mesmo. Não se vê ninguém. A situação principal é a degradação dos prédios, das casas, que nunca houve reparações, nunca fizeram nada na conservação desta área mesmo depois da tentativa de promoção da zona histórica a património mundial. Não sei que meios é que eles tiveram para poder fazer as coisas, mas que nunca fizeram nada. Tem feito mais estes últimos 6/7 anos do que os 30 anteriores. O 25 de Abril nesse aspecto foi muito pernicioso para estas coisas.

Prenderam as rendas, não deixavam aumentar as rendas. O parque imóvel foi-se degradando imenso por causa disso. Na minha opinião. Não sei se estou também certo disso que estou a dizer, mas acho que foi isso essencialmente a razão principal da degradação do parque imóvel que está extremamente degradado. Temos pena, isto está tudo a cair.

Um futuro desejado

Eu não queria que fosse como quando eu a conheci, porque acho que é utópico pedir isso. Acho que vai ser muito difícil. Estão a restaurar os prédios, mas as rendas que pedem são tão exorbitantes que não há ninguém que lhe possa pegar. Ou então são chineses para estarem dois ou três anos com subsídios a pagarem essas rendas porque não têm rendimentos para pagar as rendas como pagam aqui na rua. E também se vê que eles não estão cá muito tempo.

Essencialmente eu gostava de ver mais gente aqui a viver. Isto é um circuito um bocado complexo, mas é verdade. Se vem cá gente, também vem cá gente visitá-las. Por exemplo, há muita gente que passa na rua, essencialmente da Ribeira para cima para a estação. Passam milhares de pessoas, mas são pessoas que vão com pressa. Temos uma central muito grande. Temos autocarros, metro e comboios. E é muita gente que passa, mas é de passagem a correr. São pessoas que nem sequer olham para a rua em si. Passam porque são obrigadas a deslocar-se para estes meios de transporte.

Animação

"O investimento foi demasiado grande para o lucro que fez"

Isso é muito complexo, porque aquilo que eu há 20 anos pensava, a minha opinião mudou completamente. Aquilo que eu pensava que o restauro das casas, o restauro dos estabelecimentos, a renovação desses espaços, iam trazer mais gente a esta zona. E depois tinha uma perspectiva fantástica que era a intermodal aqui da estação de São Bento, de Almeida Garrett com o metro,



Produtos da Casa Coração de Jesus (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

os autocarros e o comboio aqui a dois passos, isso seria excepcional, mas nada disso aconteceu. Foi sempre a baixar. Nós temos quebras de vendas de 80% em relação a 1995, por exemplo, que foi o topo que eu consegui aqui na empresa de vendas, foi em 1995. A partir daí foi sempre a descer. De 1990 a 1995 foi sempre a subir, mas a subir muito. Subiu, mas muito mesmo. O meu gráfico, quando mostro as pessoas ficam assim:

- "Poça, foi maior o tombo que a subida!"

Pois é, mas é o que acontece. Só se fosse a habitação. A habitação, mas noutras circunstâncias, não as como eles estão a promover. É, como eu digo, rendas altíssimas. Qualquer pessoa arranja por metade do preço do lado de lá ou em Valongo ou em Gondomar. Estou a falar em arrendamento, não estou a falar em compras. Que compras então ainda se torna mais difícil. Isso nunca pode fixar ninguém aqui na baixa.

A Associação de Comerciantes já fez várias animações. E eu, sou honesto, nunca senti nenhuma. Nem propriamente até numa outra área que eu empenhei-me muito nela, que é a área da informação turística, também não resultou.

O investimento foi demasiado grande para o lucro que fez, portanto, foi um desastre. Também não resultou. Isto é muito complexo. Eu não sou formado nessa área não tenho conhecimentos para poder afirmar seja lá o que for. Tenho a minha opinião, mas nessa área também não entendo porque não resulta a informação turística.

Loja

"Casa Coração de Jesus de Joaquim da Silva Melo e Companhia"

A minha loja chama-se Casa Coração de Jesus de Joaquim da Silva Melo e Companhia e fica na rua Mouzinho da Silveira, 302. O negócio é essencialmente tudo que tenha ligação com a Igreja. Tanto na parte das celebrações como na parte dos rituais das procissões. De tudo o que é relacionado com a igreja nós temos para fornecer para esses acontecimentos.

Quem tinha estado cá antes tinha sido uma companhia de seguros, da Douro.

Depois anteriormente a isso, esteve o banco. O banco passou a companhia de seguros e da companhia de seguros passou à Casa Coração de Jesus.

Essencialmente foi este o percurso daqui do prédio que foi feito no princípio do século XIX.

O meu tio já tinha trabalhado no ramo em 1885 e com 25 anos abriu a casa com a ajuda da esposa que era uma bordadora excepcional. A casa no início era só bordados que fazia, essencialmente. Tudo religioso sempre. Os bordados eram feitos, para a parte religiosa. Para as igrejas. Nós temos pelo mundo inteiro trabalhos feitos nesta casa. Mas o principal foi para Goa.

Nesta casa que não era aqui, nem na rua Corpo da Guarda. Era na Rua D. Hugo à beira da Sé. Era onde era o ateliê, onde a esposa do Joaquim da Silva Melo trabalhava com várias bordadoras e fazia os trabalhos.

As filhas do meu avô, as filhas do meu tio e as esposas trabalhavam para aqui para a loja. Deixou de haver o ateliê, trabalhavam em casa e faziam as coisas em casa com a paramentaria. Fazer os paramentos para os padres. Não já bordados. Os bordados acabaram nessa altura. A partir de 1950, 1955, não havia bordadoras. Quer dizer ainda se fazia alguma coisa nesse período, mas depois veio o Concílio do Vaticano II e a maior parte daquela sumptuosidade que havia, eles cortaram com isso tudo. Portanto, a partir de 1970, o Concílio do Vaticano foi nos anos 60, a partir de 70 é que acabou mesmo os bordados. E, portanto, não havia bordados para fazer, as pessoas começaram a não aprender e depois já não havia ninguém... Eu ainda fiz bordados nos anos 90, até 1994 tinha uma bordadora, mas já tinha 86 anos, portanto foi mesmo o último. Ela acabou de fazer o bordado e faleceu. Ainda consegui acabá-lo. Mas foi o último trabalho em bordado a ouro que se fez aqui na loja, eu julgo que foi em 1994.

Com a abertura da Avenida da Ponte para a passagem da Estação de São Bento deitaram abaixo a parte esquerda da rua e nessa parte esquerda era onde estava inserida a Casa Coração de Jesus. Eles, então, alugaram aqui esta loja em 1950.

O meu avô que tinha cinco filhos e ninguém quis tomar conta da loja e, portanto, apareceu o neto. Ele convidou-me para eu vir para aqui. Eu, sou honesto, não estava vocacionado para isto mas, pronto, eu aceitei e desde o momento em que eu aceitei, empenhei-me para tentar fazer renascer a casa. Na altura em que eu peguei na casa, ela estava a definhar completamente. O meu avô tinha 85 anos e o meu tio tinha 83. Eram os dois sócios que na altura estavam aqui o outro já tinha falecido. Estava aqui uma prima minha a ajudá-los, a Maria Isabel. Também foi muito importante para a loja, porque foi ela que a conseguiu segurar até eu vir para cá.



Interior da Casa Coração de Jesus (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

"A loja era muito soturna"

A partir do momento que eu vim isto renasceu um bocado. Também levou um certo investimento em termos de tudo. Iluminação, materiais novos, renovação de tudo um pouco e isso fez renascer um bocado a loja. A loja era muito soturna, era uma coisa horrível. Eu não gostava até de vir cá por causa disso. Tinha só duas lâmpadas, duas lâmpadas fluorescentes. Com esta amplitude de altura. Os armários não eram iluminados. Portanto, eu a primeira coisa que eu fiz, foi logo mudar este sistema eléctrico todo, meter lâmpadas a toda a volta da loja, suspensas e iluminar os armários. Posteriormente, com a renovação da loja, que foi feita há seis anos, mudei os armários e mudei o sistema eléctrico também. Para pô-lo mais seguro pelo menos porque aquele era tudo ramificações antigas de luzes que não tinham segurança.

O melhorar, conseguir mais do que o que eu tinha, a diversidade de artigos que existe, a qualidade que eu tenho nos artigos que vendo, é difícil. Eu podia vender artigos muito mais acessíveis e mais vendáveis, mas como a origem deles é chinesa eu não aceito. Não gosto e não quero artigos

fracos. E como não gosto de artigos fracos não vendo. Tive sempre qualidade. A qualidade exige preço mais alto como é lógico. Isso torna as coisas mais difíceis. Um dos problemas que eu tive bastante graves aqui na loja foi uma quebra muito grande com o aparecimento do artigo chinês. Como não o aceitava, deixei-os do lado de fora da loja e tive quebras muito grandes nesse aspecto. Vendia muitas imagens e agora vendo muito menos do que o que vendia. É como eu digo, por aí não vou.

Podia melhorar as vendas, mas não melhorava o estatuto que temos de loja de tradição, que eu tento manter. Melhorar a loja no aspecto visual, só se fosse um bocadinho mais de iluminação, mas também tenho dúvidas disso, porque mais iluminação tirava o ambiente místico que a loja tem. Foi por isso que eu optei por este tipo de luz, apesar de reconhecer que se tivesse optado por outra talvez fosse melhor.

Acontece que os móveis são exactamente os mesmo que existiam na loja anterior.

Foram adaptados só à loja, portanto tudo o que era dessa época durante 100 anos existiram na loja.

Um aspecto interessante que eu descobri, desconhecia porque os móveis tapavam, foi o lambrim. Aquele lambrim que tem a toda a volta estava tapado e eu não sabia da existência dele. Quando fizemos as obras e retirámos os móveis eu tive um problema terrível, porque eu já tinha mandado fazer os móveis com costas. Depois ao retirar os móveis antigos para virem os novos, eu deparei-me com aquilo e disse:

- Não. Tirem-me as costas eu vou pôr isto, aproveitar o lambrim como fundo.

O fundo dá sempre para pôr umas coisas e deixei de poder pôr... Mas pronto. Perdi um bocado de espaço, mas ganhei na beleza do lambrim que é fantástico. Criei o vitral, apesar de ter os vidros. Quer dizer já tinha armação, não tinha era o vitral e fiz o vitral para embelezar mais um bocado, para lhe dar um bocado mais de beleza. Fiz os móveis exactamente uma réplica daqueles que existiam. O varandim é exactamente igual. Não é o mesmo como eu digo. O outro estava um bocado degradado, mas essencialmente tentei manter tudo o que era da loja do antigamente para agora, apesar de serem mais recentes os materiais.

Pintei também... Uma coisa que nunca tinha feito, apesar de ter existido isso.

O tecto tem um trabalho interessantíssimo como tem o banco Totta na Avenida da Liberdade. Exactamente igual. Eu conhecia o banco Totta e olhava para os meus e dizia assim:

- Eu tenho isto igual.

Só que não estavam dourados e pronto também gastei um bocado, mas dourei-os para ficar igual ao estilo que o banco Totta tem. É por isso que eu digo que os indivíduos que fizeram isto fizeram isto de raiz para banco.

Não consigo ter uma percepção do que é que eu poderia fazer, porque eu já tenho feito tudo. Criei novos artigos, ampliei a gama de artigos que existiam. Essencialmente apostei numa área que eu pensei e que resultou.

Efectivamente durante algum tempo resultou, que era o restauro. E nós ainda fazemos muitos restauros, mas o restauro como eu dizia que dá lucro morreu quase completamente. Isto também foi por uma coisa muito interessante. Quer dizer as pessoas formam-se num instante e depois desenrascam-se.

- "Ah, eu tenho este curso, sei fazer isto, sei fazer aquilo."

Apareceu uma gama de nova gente no mercado e como o mercado estava um bocado inflacionado em questão de preços, porque ganhava-se um bocado naquilo, eles começam a aparecer e começam a baixar os preços. Quase como, eu dou os materiais e tu ganhas "x" por dia. Como na minha área de trabalho a maior parte das pessoas que trabalham comigo têm um nível elevado dentro de ordenado é muito raro eu conseguir arranjar um orçamento que seja compatível com esses indivíduos que andam no mercado. Tenho tido alguns serviços porque depois de eles fazerem vou eu fazer e vou compor. Tenho feito muitas vezes.

Ultimamente é o que me tem acontecido. Tenho muito que fazer de serviços que à priori não ganhei porque havia preços muito mais baixos, do género 20 mil euros para 14 mil. Desníveis muito grandes de valores e, claro, depois vem o reverso da medalha. As coisas não correram bem, não estão bem e depois o Melo vai arranjar. Em recuperações de restauros já tenho tido alguns e o ano passado tive vários. Por acaso este ano por outros motivos não tive.

A diferença está no atendimento

Eu convido a pessoa a ver o que quiser, conversamos. Sou capaz de perder uma hora com o cliente para saber qual era o santo que ele queria que eu não tenho por acaso, mas sou capaz de procurar. Tenho muita bibliografia sobre isso.

Não vale a pena ir à internet porque a gente perde tempo. Têm mais os livros. E vou aos livros, procuro e digo-lhe, dou indicações e ficam muito contentes. Às vezes até se manda fazer a imagem. Desde que eu tenha três ou quatro binómios da referência da imagem eu posso fazer a imagem. A partir daí há uma diferença muito grande. Nenhuma superfície comercial tem um empregado que perca dez minutos com o cliente. Ou então está a bufar por tudo que é sítio e até é capaz de deixá-lo, dar as costas e ir embora. Aí é a grande diferença, o atendimento.

Nós sentimos que somos diferentes nesse aspecto. Claro, os artigos podemos ter os mesmos, mas lá é só pegar e andar. Aqui não pega e anda porque tem que ser embrulhado. De resto, é muito similar. Só que não há casas destas agora. Temos muito poucoquinas.

Também temos um problema muito grave. A acessibilidade a Fátima criou-nos um problema terrível. As pessoas que eram habituadas a vir ao Porto porque era perto, depois Fátima passou a ser perto e acabam por ir lá muitas vezes. Há muitas excursões, há muitas pessoas que organizam excursões para ir a Fátima.

Fátima é um sítio que toda a gente gosta de ir e lá tem tudo. Os preços são um bocadinho mais elevados, mas, é como tudo, já não têm que se deslocar ao Porto.

Também perdi bastante aí. Desde que a auto-estrada deu acesso a Fátima, as coisas também decaíram um bocado, mas é como tudo. É a vida.

As melhores alturas para a loja

Temos três pontos principais de venda: o melhor é o Natal, os presépios, as festas, as prendinhas, é isso tudo. Depois temos a Páscoa que em termos religiosos é tão grande como o Natal, mais até que o Natal em termos de festas e assim. Depois temos o período dos emigrantes e das festas. As festas normalmente têm um determinado período.

A primeira festa litúrgica é São Gonçalo. Depois as pessoas, principalmente do nordeste e do interior, começaram a pôr as festas no período dos emigrantes, Junho a Setembro. Esse período para mim é outro bom período. As pessoas não investem em produções. Por exemplo produções de imagens da padroeira do local fazia muitas. Estes últimos dois anos fiz muito pouquinho.

Clientes

Clientes muito diferentes

Eu tenho dois tipos de clientes muito distintos. Tenho o cliente que é assíduo que costuma vir cá, que conhece muito bem a loja e tenho aquele que entra e fica meio abananado que nunca viu uma loja assim e, portanto, a primeira impressão que tem é fantástica. Mas esse choque às vezes também não é benéfico para a loja porque as pessoas assustam-se um bocado:

- "Isto deve ser tudo caro."

Essa perspectiva é muitas vezes associada ao aspecto da loja. Devia ser ao contrário, mas pronto. Agora há quem se entusiasme logo e vá comprando alguma coisa. Agora que as coisas estão muito más. Ui, aí isso estão!

Os clientes antigos quando vêm querem qualquer coisa. Às vezes não tenho.

Ainda hoje de manhã estive aí um cliente toda a manhã. Veio escolher uma série de coisas.

Normalmente compram ou fica a encomenda. Os outros, os de passagem, normalmente gostam mais de ver do que comprar.

Os clientes mudaram muito. Os clérigos desapareceram porque não têm tempo de tratar de nada. Cada vez são menos e cada vez têm mais funções.

Ou são professores ou têm seis ou sete paróquias ou têm duas ou três e vir ao Porto já é muito custoso. Vêm efectivamente ao Porto de vez em quando, mas é para ir à Sé, às audiências ao Bispo ou tratar de papéis ou disto ou daquilo. Esse cliente dessa altura desapareceu completamente. É raro vir cá um padre agora, é raro mesmo. Quando vinham cá todos os dias uma série deles. Portanto, esse cliente desapareceu. Agora temos é subsidiários desses. Os párocos normalmente têm uns assessores que ajudam na paróquia e vêm tratar dos assuntos que normalmente eles tratariam. Esses ainda temos alguns.

"Ela queria-me beijar as mãos"

Nos restauros às vezes as coisas calham-nos muito bem. Nem sempre calham bem, mas muitas vezes calham bem. Eu tive uma cena de umas freiras que mandaram cá restaurar uma imagem e vieram-na buscar. Quando chegaram queriam-me beijar as mãos. Até hoje me arrepio. Devia ser ao contrário, como é costume. A gente quer beijar os clérigos. Ela queria-me beijar as mãos. -"Ai o senhor tem umas mãos..."

Mas eu queria-lhe dizer que não fui eu que fiz. O que ela estava a reparar o que ela estava extremamente alegre por ver era o rosto e o rosto eu não o faço.

Tenho o meu mestre, o meu mentor que me meteu no restauro é que me tinha feito aquilo. Quer dizer eu tinha pintado as bases e o resto, mas o acabamento foi feito por ele. Eu queria-lhe dizer que não fui eu e ela queria-me beijar as mãos.

- Mas não fui eu.

- "Então quero beijar as mãos do senhor que fez isto."

E eu tive que convidar o Oliveira, que infelizmente está bastante doente, que é o meu pintor de acabamentos. Fui lá levá-lo e trouxe mais umas imagens.

São as tais vantagens. Às vezes a gente faz estas coisas. Eu queria só levar lá o senhor que tinha feito e lá a propósito disso vieram mais duas imagens para restaurar e que depois fomos levar os dois que era para eles não me beijarem outra vez as mãos.

"Vi o reconhecimento público"

Mas tenho mais. Tenho clientes extraordinários, sei lá, de haver artigos muito mais baratos noutros sítios e eles continuam a vir cá porque o que conta é a amizade que nós temos e a garantia de que a casa vai continuar, que estará cá e que se for preciso sempre que eles tiverem algum problema nós estamos cá para resolvê-los.

E tive alguns como, por exemplo, chegar aqui um sábado de manhã uns indivíduos de Oliveira de Hospital, que é bastante longe. Tinham vindo de madrugada, chegaram aqui perto do meio-dia, a imagem tinha-se partido e eles precisavam dela para o dia seguinte e queriam que eu a restaurasse.

Não imaginam o que eu tive que fazer, mas consegui. Às 7h de domingo, eles arrancaram daqui para ir levar a imagem lá para a festa, que era perto do meio-dia a procissão. Eu consegui reconstruir a imagem. Tinha partido a cabeça e eu consegui... durante toda a noite a trabalhar... Não fui só eu. Pedi ajuda, conseguimos arranjar, pintar, secar para eles poderem levar a imagem. Claro que posso dizer que vi o reconhecimento público lá no jornal do local, tal como eu tenho bordados em vários jornais. O tal dito manto que foi o último que se fez para perto de Esmoriz. O jornal da terra também escreveu uma coisa bem feita, escrita por professoras que eram as zeladoras lá da imagem que me deixaram muito comovido, pelo reconhecimento público do meu trabalho.

E não só. Isto não é só o trabalhar bem. É também a amizade, tenho muitos clientes que somos amigos. Sou capaz de dizer que tenho alguns que me convidam para casamentos, para baptizados, para eventos sociais deles, como um amigo, como se fosse da família. Tenho muita gente assim. Claro que cada vez menos, mas tenho. Vão morrendo também. A idade também já começa a pesar muito em muita gente. A maior parte das pessoas que trabalham comigo tem uma idade já dos 80 anos, portanto, como se costuma dizer, a validade é curta.

Avaliação

"A curiosidade pode levar as pessoas a entrar no site"

Eu acredito nisso e sempre acreditei nessa área por causa do seguinte, cada vez a Internet é mais fácil de mexer e a curiosidade das pessoas, das cidades, eu até digo que podem não ser do Porto, principalmente de fora, a curiosidade de saber pode levá-las a essa área. Como somos todos uns "cuscas", quando vimos qualquer coisa de particular gostamos de ir ver. A curiosidade pode levar as pessoas a entrar no site e ver, ler e até ficar a saber um bocado da história do Porto e depois querer vir ver. Acredito nisso honestamente. É por isso é que eu acredito que este bichinho seja de muita gente também e possa trazer muita gente cá. Mas isso se é de português, se for estrangeiro já não vem.

